

Delfim, agora com mais esperança.

O ministro do Planejamento, Delfim Neto, encerrou, ontem, com um almoço com diretores do Morgan, um fim de semana de intensos contatos com banqueiros nova-iorquinos. E está mais esperançoso de que o Brasil conseguirá levantar os US\$ 4 bilhões de que necessita para fechar o balanço de pagamentos este ano, dos quais US\$2,5 bilhões, são recursos para regular a dívida.

O montante de empréstimos em fase de negociação, ou prontos para serem discutidos com os banqueiros, de acordo com a programação do ministro Delfim Neto, se aproxima dos US\$ 3,5 bilhões e, a julgar pela receptividade que estão obtendo junto aos bancos líderes do mercado, numa primeira abordagem, há uma razoável possibilidade de se atravessar a fase mais aguda da crise, obtendo os recursos de que o País necessita.

Embora reticente em relação aos resultados das conversas mantidas com os banqueiros — quase todas individualmente, envolvendo líderes, co-líderes e bancos de segunda linha — o ministro acredita que conseguiu aumentar a confiança do mercado no Brasil, demonstrando que o País continua considerando como ponto de honra o pagamento, em dia, dos seus compromissos, o que, naturalmente, dependerá do relamento adequado da dívida.

Delfim não forneceu nenhuma indicação de que teria recebido pressões para pagar uma taxa de risco maior, para os recursos, nem foi possível obter dos banqueiros qualquer declaração a respeito, mas é certo que sua disposição é continuar levantando dinheiro com spread máximo de 2,25% e prazo mínimo de oito anos.

Volta à normalidade?

O fechamento de dois empréstimos pela Petrobrás, em Nova York e em Londres, de US\$ 100 milhões cada, representa uma clara indicação do retorno do mercado à normalidade, após a ressaca do México e da Argentina, mas nada assegura que, daqui por diante, tudo esteja definido. Há uma certa preocupação em torno da situação da Venezuela, que suspendeu o pagamento de suas importações e está numa situação tão difícil quanto a da Argentina. Além disso, o problema mexicano teve sua solução adiada para o próximo governo, fatos que contribuem para deixar o mercado inquieto.

Talvez o exemplo mais ilustrativo do nervosismo do mercado — nota o ministro Delfim Neto — seja a importância exagerada dada à

operação infeliz do banco japonês Dar Ichi, que resultou num prejuízo de US\$ 36,5 milhões. Nos áureos tempos, o fato teria passado despercebido, sobretudo em se tratando de uma instituição de solidez centenária. Mas, como nas épocas de crise tudo é aproveitado para alimentar a inquietação, o episódio teve uma repercussão absolutamente desnecessária.

A despeito dessas reações negativas, o ministro do Planejamento sustenta que conseguiu demonstrar aos representantes do mercado que o Brasil tem condições de sobreviver à derrocada, não só pela forma responsável como vem administrando sua dívida como também em razão das medidas de ajustamento de sua economia, que vem tomando voluntariamente.

Delfim não quer discutir a hipótese de recorrer ao Fundo Monetário Internacional, assegurando que, até o momento, o Brasil não sente a necessidade de apelar para créditos de emergência, sempre sujeitos à adoção de "programas de estabilização" ditados pelos técnicos do Fundo. Hoje, o ministro deixa Nova York rumo a Tóquio, bem mais animado do que quando chegou aqui, ainda impressionado com os relatos provenientes da reunião do FMI em Toronto e com a virtual paralisação do mercado financeiro.

Ainda falta dinheiro

Mais realista do que no passado recente, Delfim não se arrisca a assegurar que todas as dificuldades foram removidas e que o Brasil já pode, a partir de agora, contar com os recursos de que necessita para fechar as contas externas este ano e começar a pedir dinheiro para 1983. "Prefiro dizer que continuamos trabalhando", afirma Delfim, fazendo um certo mistério do teor das conversas mantidas com os representantes do mercado. Porem seus assessores mais diretos afirmam que a receptividade dos banqueiros foi melhor do que o esperado.

Embora possua uma lista das operações que estão sendo negociadas, Delfim — dizem os assessores — não veio tratar diretamente desses créditos, mas conversar em termos globais com os banqueiros. Se eles dizem que o Brasil continua a merecer a confiança do seu banco, então o ministro aproveita a oportunidade para informá-lo da existência da operação e confirmar a adesão. É essa tática tem dado certo.

**Milano Lopes,
enviado especial**